

Artigos Originais

Capoeira e arte do viver

Capoeira and art of living

Capoeira y arte de vivir



Flávio Soares Alves

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus Rio Claro, São Paulo, Brasil

E-mail: flavio.alves@unesp.br

Resumo: Propomos compreender a capoeira como arte do viver. Para tanto, trazemos uma atualização das discussões de uma pesquisa que acompanhou grupos de capoeira. O princípio da cartografia situou a investigação entre intenções e os devires, oportunizando a produção de diários e entrevistas. As análises se constituíram como exercícios de experimentação do pensamento e expuseram as trilhas do gosto e da necessidade, além do perigo da falta do gosto nos limites da dicotomia entre os estilos da Angola e da Regional. Quando toca as dimensões do gosto e da necessidade, o capoeirista se encontra com as potências que correm sob as habilidades treinadas e que garantem a composição de um modo capoeira de ser em constante deslocamento na tradição.

Palavras-chave: Capoeira; Arte do viver; Angola; Regional.

Abstract: We propose to understand *capoeira* as an art of living. To this end, we present a review of the discussions of research that has followed *capoeira* groups. The principle of cartography placed the investigation between intentions and becomings and opportunized the production of diaries and interviews. The analyses has constituted as thought experimentation exercises that exposed the paths of taste and the need, in addition to the danger of the lack of taste within the limits of the dichotomy between *Angola* and *Regional* styles. When it comes to the taste and need dimensions, the *capoeirista* finds himself with the powers that run under the trained skills, and that guarantee the composition of certain way of *capoeira* being in constant displacement with tradition.

Keywords: Capoeira; Art of living; Angola; Regional.

Resumen: Proponemos entender la capoeira como un arte de vivir. Para eso, trae una actualización sobre las discusiones de una investigación que siguió grupos de capoeira. El principio de la cartografía situó la investigación entre intenciones y devenires, brindando la oportunidad para la producción de diarios y entrevistas. Los análisis constituyeron como ejercicios de experimentación del pensamiento y expusieron los caminos del gusto y la necesidad, además del peligro de la falta de gusto dentro de los límites de la dicotomía entre los estilos angoleño y regional. Al tocar las dimensiones del gusto y la necesidad, el capoeirista encuentra los poderes que corren bajo las habilidades entrenadas y que garantizan la composición de una manera de ser capoeira en constante desplazamiento en la tradición.

Palabras clave: Capoeira; Arte del vivir; Angola; Regional.

Submetido em: 10 de fevereiro de 2025

Aceito em: 5 de novembro de 2025

1. Preambulações

Realiza-se neste presente manuscrito um reencontro com uma pesquisa de doutorado (Alves, 2011)¹, na qual foram investigadas as práticas de constituição ética do capoeirista, na elaboração de seus modos de ser e de existir.

Nesse sentido, mobiliza-se aqui uma espécie de atualização das discussões e dos resultados lá observados, na busca das ressonâncias que deem passagem para a compreensão da capoeira como arte do viver, isto é, como uma prática de elaboração de si, que comporta dimensões éticas, estéticas e existenciais capazes de afetar a vida daqueles que com ela se envolvem (Alves, 2011).

Para orientar essa intenção investigativa, buscou-se pelos estudos foucaultianos acerca da estilística da existência, em meio aos quais se evidenciam as tecnologias de si, que se referem às ações “exercidas de si para consigo mesmo, [...]”. Daí uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios” (Foucault, 2006a, p. 14-15). Assim, enquanto práticas, as tecnologias de si entram na composição de “certos modos de treinamento e modificação dos indivíduos, não apenas no sentido óbvio de aquisição de certas habilidades, mas também de aquisição de certas atitudes” (Foucault, 2004, p. 324).

2. Caminhos da pesquisa

Partiu-se do rastreamento de grupos de capoeira no estado de São Paulo. Este rastreio permitiu a aproximação, por conveniência, com sete grupos de capoeira do interior de São Paulo: Capoeira Brasil, Amukenguê, Projeto Liberdade, Escola de capoeira ‘Raiz de Angola’, Centro de capoeira Angola ‘Angoleiro Sim Sinhô’, Associação de capoeira Angola ‘Senhor do Bomfim’ e Capoeira ‘Ginga-Brasília’².

¹ Pesquisa produzida no programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da USP, sob a orientação da Profa. Dra. Yara Maria de Carvalho. Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EEFPE-USP. Ofício de aprovação CEP: 24308 / EEFPE / 31102008.

² Os grupos de capoeira considerados nesta pesquisa foram escolhidos seguindo critérios de conveniência e adesão voluntária. Quanto à ordem de apresentação dos grupos envolvidos nesta pesquisa, adotou-se o critério de precedência.

O trabalho de campo ocorreu no período de novembro de 2008 a junho de 2011. Na dimensão dos procedimentos, buscou-se respaldo no princípio da cartografia (Deleuze, 1995). À luz deste princípio, o desafio foi pesquisar a capoeira ancorado no plano dos acontecimentos, em meio ao qual o exercício investigativo caminha entre o conhecer e o fazer, entre a teoria e a prática, entre o sujeito e o objeto, entre o próprio exercício de pesquisar e o movimento de intervir junto ao espaço da pesquisa (Passos *et al.*, 2009).

A partir daí, os registros de processo foram sendo forjados: diários de campo e entrevistas gravadas com mestres de capoeira. A escritura da pesquisa mergulhou nas relações e nas singularidades descobertas nos registros de processo produzidos, fazendo emergir multiplicidades, o que conferiu ao exercício analítico um perfil compositivo, por meio do qual o pesquisador, os capoeiristas pesquisados, as intenções propostas, os estudos desenvolvidos, as relações e os devires se colocaram em jogo no exercício da investigação.

Neste jogo ressoou um encontro essencial, em meio ao qual as intenções investigativas foram sendo modificadas continuamente, seguindo o rastro dos problemas e dos casos de solução mobilizados neste referido encontro. Na leitura de Deleuze, a composição deste encontro essencial aponta para um domínio de compreensão da realidade estudada que é feito “de relações diferenciais e variações de relações, pontos notáveis e transformações de pontos” (2006, p. 362). Seguindo esse perfil de composição das análises, esta pesquisa buscou pelos indícios de criação, que chamam a atenção para as singularidades, através das quais, o capoeirista se constitui eticamente enquanto tal.

Cabe destacar que se optou por não utilizar pseudônimos na apresentação da autoria dos excertos que acompanham o exercício da análise. Essa decisão se fundamenta no entendimento de que os mestres participantes desta pesquisa são agentes ativos de mobilização da capoeira, haja vista que dedicam a vida ao cultivo e promoção dessa prática no âmbito da cultura e, portanto, por uma questão ética, optou-se por garantir a manutenção dos créditos

autorais das falas, em detrimento da reserva da confidencialidade e anonimato do material de pesquisa coletado.

Convém demarcar ainda que tal decisão foi devidamente esclarecida e consentida pelos mestres participantes, o que ajudou a referendar essa opção de apresentação dos achados da pesquisa. Nesse tocante ainda, vale destacar também que essa decisão ética, acima explicitada, se alinha com o perfil analítico aqui assumido, principalmente porque tal perfil comporta uma dimensão conectiva, em meio à qual “não se pesquisa sobre a capoeira, mas com ela” (Alvarez; Passos, 2009, p. 143).

Por fim, convém pontuar que, enquanto composição, as análises aqui pautadas se constituíram como exercícios de experimentação do pensamento (Deleuze, 2006; Deleuze; Guattari, 1995).

3. Exercícios de experimentação do pensamento

Segue abaixo um exercício de experimentação do pensamento, que expõe as trilhas do gosto e da necessidade humana nos limites da dicotomia entre o estilo da capoeira Angola e da Regional. Tal exercício de experimentação está organizado a partir de quatro diferentes seções que se relacionam com a proposta central deste estudo.

3.1 Nas trilhas da necessidade

A partir de uma discussão focada na distinção entre a capoeira Angola e a Regional, esta pesquisa encontrou uma ideia particularmente interessante para alcançar o domínio, em meio ao qual a capoeira aparece como arte do viver. Tal ideia trouxe à cena investigativa a relação do capoeirista com a tradição da capoeira, a partir do ponto de vista da necessidade de envolvimento desse agente com essa prática.

E para chegar à composição dessa ideia, destaca-se a fala de mestre Marcial. Quando interpelado sobre os diferentes estilos da capoeira, ele assim se expressou:

As pessoas de hoje em dia não querem respeitar a tradição... só querem fazer coisa nova [...]. Eu ainda conheço só o estilo Angola e a Regional e mesmo assim coloco a capoeira como uma só e momentos diferentes, ritmos diferentes (Entrevista realizada em 01/11/2008).

Compondo com essa ideia, destaca-se também outra, observada na fala do mestre Minhoca a seguir:

Eu acho que... vou entrar com uma situação polêmica, mas eu acho que [...] esta capoeira designada Angola, ela foi criada junto com a Regional. Uma em contraposição da outra, ambas pra funcionar como um caminho, como necessidades do momento... Não vou entrar neste mérito, mas era uma necessidade fazer uma e fazer a outra. Foram feitas... Eu acho que tudo que é feito com intenção tem começo, meio e fim... a capoeira é infinita, ela surge... É uma necessidade espiritual da humanidade. (Entrevista realizada em 11/08/2009).

Nos excertos acima, os estilos da Angola e da Regional são apresentados como práticas que mobilizam a tradição da capoeira através do tempo. Além disto, os excertos deixam à mostra que tanto a Angola quanto a Regional, embora diferentes, têm em comum o fato de terem surgido daquilo que mestre Minhoca diz se tratar de “uma necessidade do momento”.

A leitura histórico-crítica apresentada por Soares (2001), em seus estudos sobre a capoeira, aponta indícios potentes para pensar acerca dessa dimensão de necessidade destacada por mestre Minhoca. Segundo este autor, é possível compreender que tanto a Angola quanto a Regional são expressões derivadas de uma tradição que se faz e se refaz continuamente, seguindo os rastros das condições existenciais em meio as quais emergem.

Compondo com esse entendimento, Vidor e Reis (2013) pontuam que a capoeira surgiu no século XVIII, especialmente no Rio de Janeiro, como uma necessidade de expressão dos negros escravizados. Nesse período, a capoeira era um modo de ser e existir que atravessava a vida do negro como um todo. Na esteira dessa ideia, a capoeira era fruto de uma necessidade existencial, que deixava à mostra as condições de existência do negro escravizado e suas relações de ocupação com o contexto urbano e rural da sociedade escravagista.

Ao longo do tempo, essa necessidade existencial foi se miscigenando com outras tantas manifestações que vicejavam nas ruas da cidade, o que contribuiu para a difusão da capoeira para todo território nacional. Soares (2001) irá destacar essa difusão da capoeira particularmente na cidade do Rio de Janeiro, no entanto, é importante pontuar que outras cidades litorâneas também sentiram os reflexos dessa difusão, como é o caso da cidade de Recife, em Pernambuco, e Salvador, na Bahia (Brasil, 2007; Rego, 1968; 2015).

Cabe destacar que a difusão da capoeira foi se constituindo, historicamente, sempre pelas margens, como expressão de resistência da subjetividade negra contra a ordem policial e repressiva (Soares, 2001; Rego 2015).

Com o final do período escravagista, no final do século XIX, a vida dos negros continuou a se constituir sob o signo da violência, tão característico da escravidão, conseqüentemente, a prática da capoeira, em meados do século XX, também foi se constituindo sob esse mesmo signo, o que contribuiu para reforçar a característica marginal dessa manifestação. Concomitantemente, ocorre a implementação de inúmeros mecanismos de controle político e policial dos corpos negros nas ruas das cidades, o que contribuiu para enquadrar a capoeira sob a tarja da discriminação e da criminalidade (Soares, 2001; Vidor; Reis, 2013).

Como ruptura dessa imagem marginal, envolta sob a nebulosa tarja da discriminação e da criminalidade, surge na Bahia, em

meados do século XX, duas diferentes expressões da capoeira: a Angola e a Regional. Enquanto a Angola foi sendo organizada com foco na ancestralidade e difundida graças à ação precursora de alguns mestres, tal como Pastinha, Noronha, Amorzinho, Maré, Livino, dentre outros, a capoeira Regional nasce pelas mãos de mestre Bimba, que propõe a criação da Luta Regional Baiana, posteriormente conhecida como Regional (Silva, 2008; Soares, 2001; Alves, 2011; Vidor; Reis, 2013; Rego, 1968; 2015).

Tanto o estilo da Angola quanto da Regional não aponta para protocolos rígidos e fechados, mas comportam uma ampla variabilidade de expressões a depender de onde, como e quando a prática da capoeira acontece. Nesse sentido, a composição dos estilos de capoeira segue sempre o auscultar de uma necessidade existencial, que move o capoeirista ao cultivo da tradição, moldando-a como convém no âmbito da cultura, em meio à qual o corpo, as relações e a oralidade dos capoeiristas são postos em jogo (Alves, 2011).

Ao observar essas distinções de estilo sob o enfoque da necessidade, observa-se que, aos olhos da tradição, não existe uma capoeira mais tradicional do que a outra. Ambas são expressões legítimas de uma tradição em movimento que segue as trilhas da necessidade de existir, a partir das condições existenciais que tocam a vontade de agir daqueles que se envolvem com essas práticas.

3.2 O gosto no pulsar da necessidade

Somando-se à necessidade de existir, destacada na seção anterior, interessa focar aqui outra dimensão, que faz pulsar a necessidade da capoeira para aquele que a pratica: o capoeirista. Nesse tocante, é mais uma vez mestre Minhoca quem dá a pista:

A tradição precisa ser vista pelo fundamento. Qual é o fundamento? A necessidade... o gosto e a necessidade... Como eu tento passar isso para os alunos? Na verdade, eu não tento... eu passo pra mim... é o meu gosto de ser capoeirista, meu trabalho e a minha necessidade, então eu tenho uma necessidade de ensinar porque senão eu não aprendo. [...] É uma necessidade minha, interior, pra poder continuar aprendendo [...]. Então o que eu tento é só viver [...] cuidando de mim... (Entrevista realizada em 11/08/2009).

Observa-se que, além da necessidade, mestre Minhoca inclui também o gosto, como fator essencial para a mobilização do interesse do capoeirista pela capoeira. Ao colocar a discussão nesses termos, a fala de mestre Minhoca parece se aproximar, e muito, daquilo que Nietzsche (2003; 2008) diria se tratar dos imperativos fisiológicos que, em linhas gerais, se referem àquela inquietude que irrompe dos músculos, dos nervos e dos centros do movimento, afirmando a vontade de viver, isto é, o fluxo de uma potência vital irredutível na elaboração de si.

Nesse sentido, de uma inquietude fisiológica que, em última análise, nos torna quem queremos ser, mestre Minhoca coloca a capoeira diante das vicissitudes do gosto e, assim, ajuda a pensar uma tradição que se despoja em ato, em convivência com o outro e que se modifica continuamente nas relações, deixando à mostra um conhecimento que só se faz em movimento.

Na leitura de Alvarez (2007), essa tradição em movimento aproxima o aprendizado da capoeira a um processo de criação, onde aprendiz e mestre, juntos, compõem as paisagens, em meio às quais a capoeira aparece. Para tanto, ambos se implicam com uma tradição viva, experimentando-a, Tateando-a tal como aquele que cuida de uma planta ou de um filho em processo de desenvolvimento. Assim destaca: no cultivo há uma “mútua imbricação, um duplo aprendizado onde aprendiz e mestre, planta e plantador cultivam-se mutuamente” (Alvarez, 2007, p. 99).

Em movimento, a tradição se abre às relações entre teoria e prática, condições e fazeres, prática e vida, dessa forma, seu cultivo se desloca da noção de treinamento, no qual o processo de aprendizado se reduz à “modelação do aprendiz, buscando enquadrá-lo em esquemas prévios, portanto fora da paisagem do aprendizado” (*Ibid.*, p. 100).

Enquanto exercício de cultivo, a tradição só se implica no corpo do capoeirista quando, de algum modo, toca as dimensões existenciais do sujeito, do contrário, o gosto não se impõe soberano e a prática não se abre em profundidade. Ao que parece, a tradição despojada em vivência toca o sujeito em profundidade quando intensifica a relação entre capoeira e vida.

É nessa direção que aponta a fala, a seguir, de mestre Ananias: “Eu devo tudo à capoeira [...]. A capoeira deu tudo na minha vida hoje.” (Entrevista realizada em 31/08/2009). A fala acima diz respeito a uma vida junto à capoeira. É nesse nível de compreensão e envolvimento com a capoeira que essa prática aparece como um certo modo de ser daquele que dela se serve e nela inventa a si mesmo. A fala de mestre Minhoca ajuda a sustentar essa ideia:

Toda relação na minha vida passa pela capoeira. [...] pra atravessar a rua tem que ser capoeirista, pra falar com os outros tem que ser capoeirista, pra chegar num lugar tem que se portar como capoeirista, então tudo que eu faço eu sou capoeirista. [...] Então quer dizer: não tem o que não passe pela capoeira (Entrevista realizada em 11/09/2009).

O excerto acima dá indícios de que a prática da capoeira não se impõe por força de obrigação moral, mas em resposta a uma potência muito maior que brota dos músculos, dos nervos e dos centros do movimento, revelando os traços de um estilo: de um modo capoeira de ser.

Para se deixar afetar por esses imperativos, é preciso estar atento ao que se passa no corpo. Todavia, não se desloca a atenção sobre o corpo se o capoeirista não se permite “perder tempo” junto à capoeira (Alvarez, 2007, p. 21). A disposição por esse perder tempo abre caminho para a composição de um encontro mais intenso com a capoeira, que exige por presença e coragem, tal como salienta mestre Minhoca no excerto a seguir:

Pra viver o presente você tem que ter coragem, você tem que correr atrás e não ficar no conforto, numa linha confortável, numa linha que não te oferece riscos, mas pra isso tem que ser presente... viver realmente o presente e não estar nem lá e nem antes; nem pra frente, nem pra trás. Se você aproveitar aquele teu momento, eu acho que é isso que faz a gente crescer [...]. A presença traz a coragem, traz a superação, traz o medo, traz a raiva, traz o amor e todos esses sentimentos vão fazendo você crescer. (Entrevista realizada em 11/08/2009).

O exercício de se implicar com a capoeira, portanto, exige uma prática laboriosa, que mestre Minhoca diz se tratar da “presença”, que, por sua vez, não se afirma sem uma boa dose de “coragem”. Nesses termos, a capoeira não se incrusta nos músculos do capoeirista sem presença e coragem, que abrem os caminhos laboriosos, por meio dos quais o sujeito tece a verdade sobre si mesmo, o que remete à temática do cuidado de si mesmo. Antes, porém, um problema pede passagem nesta escrita, como segue:

3.3 O problema da falta do gosto

Em oposição à essa tradição em movimento, que se faz e se refaz nas trilhas do gosto e da necessidade, encontra-se aquilo que mestre Minhoca diz se tratar do problema da “falta do gosto”. Nesse tocante, assim se expressou:

Eu acho que o maior problema é a falta do gosto. Tudo tem uma intenção. O cara desenvolve um negócio pra poder vender, tudo pensando no consumo, então a grande diferença da capoeira tradicional das capoeiras criadas é isto... são os fundamentos que se perdem por conta do consumo. Ponto. (Entrevista realizada em 11/08/2009).

A tendência à falta do gosto abre margem à versão mercadológica da capoeira, na medida em que não deixa espaço para o gosto em sua versão pura e simples, vetando — ainda que supostamente — aquilo que dá profundidade de sentido à sua prática. O excerto a seguir ajuda a corroborar essa ideia:

É isto cara: é o consumo que dita essas regras, aí os angoleiros defendem uma bandeira, falam que é tradição, não é tradição! São várias coisas inventadas, todo mundo tá inventando e vai botando como tradição pra poder controlar... é uma necessidade também... é engraçado porque entra também na coisa da necessidade só que [o consumo] não é puro, não vem do gosto. (Entrevista realizada com mestre Minhoca, em 11/08/2009).

Vale destacar que essa versão mercadológica que aqui se fala se refere à versão da capoeira enquadrada aos moldes da ótica neoliberal, que tende a transformar todos os bens culturais em produtos de mercado e consumo, expondo-os à efetuação de certos mecanismos reguladores e corretivos que moldam esses produtos como convém à ótica neoliberal.

Na leitura de Foucault, esses mecanismos reguladores e corretivos se referem à dinâmica do biopoder e da biopolítica. Na dinâmica do biopoder, o sujeito tende a perceber a realidade de maneira aprisionada, na medida em que é levado a cultivar, desde a mais tenra idade, um conjunto de estratégias e práticas de disciplinação e normatização das condutas que, em última análise, servem à lógica do mercado e do consumo (Foucault, 1999; 2008).

Compondo com a rede do biopoder, soma-se o trabalho da biopolítica, onde ocorre uma espécie de “estatização do biológico”, ou seja, uma “tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo” para torná-lo mais dócil e, portanto, mais controlável (*Ibid.*, p. 286). Em conjunto, o biopoder e a biopolítica tendem a tomar a vida dos indivíduos a seu cargo, impondo a ela uma gestão que planifica a vida, regulamentando-a e normatizando-a como convém aos princípios neoliberais que, em última análise, preconizam a organização de um Estado mínimo, a prática do livre mercado e a meritocracia constitucional. Na vigência desses princípios se evidencia a ótica do sujeito assujeitado, que tem dificuldades de perceber que essa assujeição é, na verdade, uma ilusão.

Não obstante, a esse cenário de intensa vigilância, controle e assujeitamento, o corpo continua a criar vida, mesmo sabendo que a vida gerada está fadada a ser resumida pelos domínios do mercado e pelos mecanismos reguladores e corretivos que lhe acometem horizontalmente.

As falas de mestre Minhoca mostram indícios dessa aposta na vida: suas palavras ensinam que antes do lamento — que enreda a vida como se esta fosse um triste pesar —, a curiosidade, como sinal primeiro de uma sensibilidade em apontamento, ousa ancorar-se no curso do viver, ou seja, no passo anterior ao traço que enquadra a vida no cerco do mercado, não se deixando capturar, para fazer valer a vida como virtualidade, isto é, como criação e invenção. Inscrevem-se aí, nessa curiosa habilidade de esquiva ao cerco do mercado e do consumo, os processos autônomos de subjetivação, isto é, os processos de resistência que libertam os sujeitos — ainda que provisoriamente — da ótica da assujeição (Foucault, 1999; Rago; Veiga-Neto, 2008).

No excerto a seguir, há outros indícios que ajudam a pensar esse processo autônomo de subjetivação como exercício sintonizado com as trilhas do gosto e da sensibilidade:

Quando eu falo do gosto, é pra salvar tua alma [...] O gosto o que é? É você fazer um negócio que relaxa a tua alma [...]. Estou falando do que é a minha necessidade vital: é ter gosto... eu sinto que é difícil... nada deve sobrepor o meu gosto, é uma necessidade básica minha de ser aquilo que eu sou. Ponto. Isso deve ser mantido... então eu acho que a grande diferença da tradição é esta, e é difícil, cara... É difícil porque muitas vezes você cai nessa lógica cruel e violenta do mercado... e eu acho que a capoeira pode mudar isso... ela é uma das coisas que pode e que tem força espiritual pra quebrar essa lógica... por isso que eu vivo nela, eu vejo só nela... ainda é nela que eu encontro esse caminho... consigo fazer por gosto, consigo ouvir o gosto das pessoas, olha só [chama atenção do entrevistador para o barulho das crianças tocando berimbau lá fora] eu tô ouvindo o gosto... aquilo lá é o gosto... (Entrevista realizada em 11/08/2009).

As palavras do mestre Minhoca, destacadas acima, mostram a marca do gosto como imperativo vital que dá graça a seu viver, mobilizando-o para além das dicotomias. Não importa mais se é Angola ou Regional, pois defender em palavras esta ou aquela bandeira é se expor em demasia nas tramas do mercado, expondo a tradição ao perigo das rotas do consumo.

Em que pese essas discussões, que parecem evidenciar certo tom maniqueísta que distingue, de um lado, as diferentes expressões do gosto na capoeira e, do outro, o peso implacável do biopoder e da biopolítica nas rotas do mercado e do consumo, o fato é que essas diferentes dinâmicas se cruzam continuamente na composição das subjetividades na capoeira. Isso significa dizer que, não se trata aqui de separar a “boa capoeira” da “ruim”, tampouco a “correta” da “falsa”, trata-se apenas da constituição de diferentes níveis de análise e compreensão da capoeira: um de cunho mais ético e estético, que se deixa afetar pelas trilhas do gosto e pela necessidade fisiológica de existir, como diria Nietzsche

(2003; 2008), e outro, de natureza genealógica³, que também é atravessado por uma necessidade, mas amplamente moldado pela lógica neoliberal.

Cabe destacar ainda que um nível analítico não desqualifica o outro, tampouco aponta para a tendência de superação de um nível em relação ao outro. Juntas, essas diferentes frentes de análise evidenciam as múltiplas entradas interpretativas, por meio das quais podemos nos encontrar com a capoeira na atualidade. Neste manuscrito, iremos nos orientar por um enfoque mais ético e estético, assim, considerando essa escolha analítica, interessamos nos esgueirar no auscultar do cuidado de si, como segue.

3.4 No auscultar do cuidado de si

As discussões até aqui observadas apontam para o seguinte: para escapar das tendências de objetificação e mercadorização da capoeira — que insistem em apontar o que essa prática é, em detrimento do que ela pode vir a ser e se modificar —, é preciso se encontrar com um domínio de composição dessa prática que se permita ir além das distinções nominais. Isso ocorre porque aquilo que se passa sob as trilhas do gosto e da necessidade não é registro de uma identidade — lugar onde se define este ou aquele estilo capoeira de ser —, mas, antes, dá testemunho das forças pré-individuais⁴ que atravessam a prática da capoeira e que entram na composição de certo modo de ser e existir moldado na experiência de cultivo dessa prática.

Ao se relacionar com a capoeira a partir do imperativo do gosto e da necessidade de existir, essa prática surge como um território existencial. Segundo Deleuze e Guattari, todo “território é antes de tudo lugar de passagem” (1997, p. 132). Os personagens que passam por esse território não o explicam, mas encarnam as suas qualidades expressivas, de modo a garantir a formação

³ De acordo com os estudos foucaultianos, o nível da análise genealógica se refere a um procedimento de investigação que não busca pelas origens históricas daquilo que está sendo pesquisado e, portanto, se esquia da busca pela essência das coisas e de uma certa identidade fixa atribuída ao objeto pesquisado. Ao invés disso, a genealogia: “[...] tem por objetivo assinalar a singularidade dos acontecimentos que, por sua vez, remetem ao acaso, à diversidade, à discórdia, ao erro. Ela busca descontinuidades onde desenvolvimentos contínuos foram encontrados” (Martins, 2000, p. 152).

⁴ Na leitura de Deleuze, as forças pré-individuais exigem um mergulho na individualidade, que, por sua vez “não é o caráter do Eu, mas, ao contrário, forma e nutre o sistema do Eu dissolvido” (2006, p. 356).

de um domínio ético e estético, em meio ao qual se inscreve certa “assinatura expressiva” (*Ibid*, p. 132), impressa no corpo e nas relações que evidenciam, por sua vez, as maneiras como determinado sujeito pratica a liberdade de ser e existir no mundo.

Trazendo essa discussão filosófica para o contexto desta pesquisa, pontua-se que: os personagens que integram o território existencial da capoeira — a saber, os capoeiristas — encarnam esse amplo espectro de qualidades expressivas, ajudando a compor as paisagens existenciais — os diferentes estilos de capoeira — que passam em meio a esse território de geração a geração, conferindo-lhes cores e saberes e sabores, sempre dinâmicos e diferenciais.

Enquanto território existencial, a capoeira vai além das sínteses históricas constituídas, pois, quando em movimento, extrapola os registros que insistem em reduzi-la sob os moldes de uma identidade histórica. A tradição pensada enquanto exercício que se faz e se refaz continuamente no corpo e nas relações, aponta para um sujeito em constituição — sujeito ético — que toma a tradição como prática de elaboração da arte de seu próprio viver.

Para tanto, vale lembrar as palavras de mestre Minhoca: “o gosto deve ser soberano... o gosto e a necessidade” (Entrevista realizada em 11/08/2009). Nesses termos, “o gosto” e a “necessidade” são as potências que correm sob as habilidades treinadas e automatizadas, deslocando-as indefinidamente, assim sendo, não são patrimônios exclusivos deste ou daquele estilo, pois, antes, apontam para a irredutibilidade de um sujeito que escolhe seguir os rumos de um imperativo essencialmente corporal que, literal e metaforicamente, o põe em movimento consonante com sua própria existência.

Como efeito dessa consonância, a vontade de aprender a capoeira é aguçada. Mestre Plínio é enfático ao destacar que nem todos alcançam as intensidades daquilo que toca a vontade de aprender. E o que é preciso para tocar a vontade de aprender? Nas palavras de mestre Plínio: “a pessoa que quer entender alguma

coisa tem que ter um momento pra ouvir a si mesmo e também tem que saber o que quer” (Entrevista realizada em 02/12/2008).

E nem sempre é uma tarefa fácil saber aquilo que se quer. Muitos se perdem pelo caminho, abandonam a prática da capoeira, ou a levam consigo como uma mera e superficial atividade física. Romper com essa superficialidade é tarefa do aprendiz, pois só cabe a ele desbravar os caminhos na busca desse querer, isto é, na busca daquilo que o afeta em profundidade.

Mestre Plínio nos dá pistas sobre o que ajuda o aprendiz a romper com essa superficialidade na prática da capoeira:

O capoeirista precisa aprender sua própria capoeira. Eu sempre falo para meus alunos que eles precisam treinar sozinhos. Tem este treino aqui que a gente faz com os amigos e companheiros, mas o treino que é fundamental é [...] quando você olha pra dentro de você mesmo e percebe as suas necessidades... (Entrevista realizada em 26/03/2009).

Ao demarcar a necessidade do treino como espaço potencial para se desbravar as intensidades do aprender, o mestre chama a atenção para o deslocamento de um olhar que ousa olhar para si mesmo antes de pensar na relação com o outro. Deste espaço de intimidade consigo, o sujeito vai trilhando seu caminho junto à capoeira sem abrir mão de si mesmo, ao se implicar com essa prática.

A leitura de Silva (2008) sobre o processo de aprendizagem na capoeira corrobora essa ideia. Assim salienta: “o que se busca na capoeira [...] é uma vivência em que o aprendizado ocorra pelo autoconhecimento do corpo, deflagrado de dentro para fora” (p. 21). Mas, para que o “autoconhecimento” ocorra de dentro para fora é preciso, primeiramente, ocupar-se consigo, isto é, voltar os olhos de si sobre si mesmo. Nesses termos, aquilo que Silva (2008) designa como “autoconhecimento”, aproxima-se da noção de cuidado de si mesmo.

Em linhas gerais, o cuidado de si mesmo diz respeito a uma atitude que mobiliza o sujeito à invenção de si. Nessa invenção, o sujeito lapida a si mesmo, como uma obra de arte, assim, o cuidado é também a prática — o conjunto de ocupações — que faz do sujeito um artesão da beleza de seu viver (Foucault, 2006a).

Partindo desse referencial, atento a si mesmo, a aprendizagem é deflagrada de dentro para fora, como projeção orgânica, isto é, como prática de cultivo. Na leitura estilística foucaultiana, essa maneira de aprender — que não prescinde do corpo e das relações a partir dele expressas — refere-se a um certo *éthos*, isto é, ao modo de existir de um certo sujeito, que se traduz em suas maneiras de se conduzir ao longo da vida. Nesse sentido, o *éthos* sempre aponta para um domínio tecnológico, por meio do qual um determinado sujeito “pratica a liberdade de uma certa maneira”, de modo a elaborar para si sua própria arte de viver (Foucault, 2006b, p. 270).

É no campo onde o *éthos* se intensifica que se evidenciam as tecnologias de si, em meio às quais pulsa o princípio do cuidado de si mesmo⁵. Tem-se cuidado consigo mesmo, quando se permite constituir para si um belo *éthos*, que não só dê graça ao viver, mas que também o inquiete implacavelmente, instigando o sujeito a lapidar-se a si mesmo, como artista da própria existência. Na esteira dessa ideia, o princípio do cuidado de si mesmo expressa o trabalho do autoconhecimento, considerando-o não nas profundezas do pensamento, mas principalmente expresso na superfície singular de certo modo de agir — tecnologias de si — plenamente visível nas relações do sujeito com o mundo (Foucault, 2006a; 2006b).

Convém destacar, no entanto, que o cuidado de si não aponta para a composição de um sujeito autocentrado, mas, ao contrário,

5 Com o tema das “tecnologias de si”, Foucault (2002; 2004) começa a se interessar pela relação do sujeito com sua própria constituição. E para chegar neste “si”, que não se confunde com os contornos do “Eu” moderno, Foucault, parte de uma análise histórica acerca da sexualidade, pois percebeu que essa temática era particularmente potente para se refletir sobre a obrigação do sujeito de dizer a verdade sobre si.

dá mobilidade a um princípio de ação que coloca o sujeito nos limites de si mesmo. Isso, porque o princípio do cuidado é, antes de tudo, uma “prática social” (Foucault, 2006a, p. 191) e, enquanto tal, implica “uma relação com os outros” (Foucault, 2006b, p. 270). Decorrem dessa relação consigo e com os outros os jogos de poder, através dos quais o sujeito movimenta a verdade que tece para si.

4 Composições finais

Como guisa à finalização deste manuscrito, cabe pontuar que as discussões aqui delineadas têm uma finalidade unicamente compositiva, que ousa apontar para outras racionalidades não hegemônicas de reflexão acerca da capoeira na atualidade. Ou seja, de maneira nenhuma se pretende instalar aqui uma reflexão que tome o lugar de uma verdade última acerca da capoeira como arte do viver, pois nessa atitude reitera-se aquilo que a capoeira é, em detrimento daquilo que ela pode vir a ser e se modificar, na dissolução do jogo discursivo tecido no domínio das binaridades, em meio ao qual vigora o jogo entre o verdadeiro e o falso.

Assim, para além da tendência binária, que insiste em destacar as distinções de estilo entre a Angola e a Regional, o que interessou foi tocar uma capoeira sempre outra, forjada nas trilhas do gosto e da necessidade de existir. Mas para se tangenciar esse domínio de composição da capoeira — sem sucumbir ao perigo da “falta do gosto”, em que a capoeira é exposta às malezas do mercado e do consumo — é preciso se ocupar com um exercício de cultivo laborioso, que cresce com o auscultar de uma vontade de aprender, chamando a atenção do capoeirista sobre a necessidade de ocupar-se consigo junto à prática que o instiga.

Desse referencial irredutível — o corpo que se ocupa consigo mesmo — o sujeito se lança à relação com o outro, movimentando uma tradição que colore as paisagens de um território existencial, no qual mestre e aprendiz se implicam. Dessa forma, o capoeirista não só assimila uma cultura que lhe é imposta, mas ajuda na sua

reinvenção, ao atualizar a tradição da capoeira, a partir da ótica de suas próprias condições existenciais — exercício por meio do qual a capoeira aparece como arte do viver.

Referências

ALVAREZ, Jhonny Menezes **O aprendizado da capoeira angola como cultivo na e da tradição**. Rio de Janeiro. 2007. 230 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ALVAREZ, Jhonny Menezes; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilian (Orgs.). **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 131-149.

ALVES, Flávio Soares **O corpo em movimento na capoeira**. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte - USP, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-30012012-150556/publico/Flavio_Soares_Alves_TESE.pdf Acesso em: 09 dez. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf. Acesso em: 09 dez. 2025.

DELEUZE, Gilles **Diferença e Repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995. 1 v.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 2 v.

FOUCAULT, Michel **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de Si, 1982. **Verve**, v. 6, pp. 321-360, 2004.

FOUCAULT, Michel **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

FOUCAULT, Michel **Ditos e escritos - Vol. V - Ética, Sexualidade, Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARTINS, Carlos. Michel Foucault: filosofia como diagnóstico do presente. **Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências**, Marília, Unesp, v. 9, n. 1, p. 149-167, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich **Ecce Homo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilian (Orgs.). **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REGO, Waldeloir **Capoeira Angola: ensaio socioetnográfico**. 1. ed. Salvador: Itapoã, 1968.

REGO, Waldeloir **Capoeira Angola**: ensaio socioetnográfico. 2. ed. Rio de Janeiro: MC&G, Coleção Capoeira Viva, 5, 2015.

SILVA, Eusébio Lobo da **O corpo na capoeira**: introdução ao estudo do corpo na capoeira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. 1 v.

SOARES, Carlos Eugênio Libano **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Unicamp, 2001.

VIDOR, Elisabeth; REIS, Letícia Vidor de Sousa. **Capoeira**: uma herança cultural afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2013.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.